



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA



INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE PERNAMBUCO / CAMPUS BELO JARDIM – PE
Av. Sebastião Rodrigues da Costa. S/n – Bairro São Pedro – Belo Jardim / PE – CEP: 55165-000 PABX: 81 3726-1355

SOCIOLOGIA DO DESENVOLVIMENTO

NEODESENVOLVIMENTISMO

EMANUEL ISAQUE CORDEIRO DA SILVA¹

NEODESENVOLVIMENTISMO

O seguinte trabalho aborda a teoria de muitos sociólogos acerca da nova construção do pensamento desenvolvimentista, esse pensamento está nomeado para os pensadores como Neodesenvolvimentismo.

¹ Emanuel Isaque é técnico em sociologia pelo CACEUFPE (Colégio de Aplicação do Centro de Ensino da Universidade Federal de Pernambuco).

Introdução

Deve pensar, antes de tudo, em todas as concepções sobre a teoria político-econômica do desenvolvimento, no próprio Estado brasileiro, e nos demais países que conformam o cenário geopolítico mundial. Acerca do desenvolvimento podemos destacar a forte atuação e intervenção estatal, para o avanço econômico e industrial do Estado, com isso, dá-se o nome de “Desenvolvimentismo”, que teve como alicerce o pensamento de John Maynard Keynes². Já o concepção neodesenvolvimentista trata-se de um conjunto de propostas de reformas institucionais e de políticas econômicas, por meio das quais as nações de desenvolvimento médio, como o Brasil, buscam alcançar os níveis de renda *per capita* dos países desenvolvidos. Trata-se, portanto, de uma estratégia de desenvolvimento de longo prazo, cujo objetivo final é tornar o Brasil e demais países que adotaram a doutrina econômica um/uns país(es) plenamente desenvolvido(s).

Esse novo desenvolvimentismo, por fim, busca reimplantar o pensamento do desenvolvimentismo, que busca a intervenção do Estado para que a economia e os setores de produção e indústrias cresçam, perfazendo aí um trajeto de crescimento interno do país no cenário internacional. Para se entender o neodesenvolvimentismo é necessário, sem dúvida, uma perspectiva acerca do que é a doutrina desenvolvimentista e em que esta está baseada; além de toda sua construção e ideias acerca da economia estatal e do setor industrial dos países.

² John Maynard Keynes (1883-1946)- foi um economista britânico cujas ideias mudaram fundamentalmente a teoria e prática da macroeconomia, bem como as políticas econômicas instituídas pelos governos.

Desenvolvimentismo

Dá-se o nome de desenvolvimentismo a qualquer tipo de política econômica baseada na meta de crescimento da produção industrial e da infraestrutura, com forte intervenção estatal, como base da economia e o conseqüente aumento do consumo. Além disso, recebe o nome de desenvolvimentismo a teoria econômica que está centrada no crescimento econômico, baseado na industrialização e na infraestrutura, com forte intervenção do Estado, em detrimento do desenvolvimento social. Tal teoria foi uma resposta aos desafios e oportunidades que surgiram com a Grande Depressão dos anos 30 e está ligada às ideias trazidas pelo keynesianismo³. A onda desenvolvimentista teve o seu apogeu nas três décadas que sucederam o fim da Segunda Guerra⁴, com destaque para as políticas de implantação da indústria pesada nos principais países da América Latina.

Seus expoentes viam o desenvolvimento como um processo de criação de um panorama novo e atual para o país. A economia fazia parte deste projeto de modernização, pois se tratava de integrar o território, dando-lhe infraestrutura, emprego e tecnologia. Com esse projeto grandioso, vislumbrava-se a criação de uma sociedade democrática e aperfeiçoada, dando novo sentido à “civilização brasileira”, como então se dizia.

No caso do Brasil, o termo “desenvolvimentismo” remete às teorias cepalinas (vindas da CEPAL - Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe, uma comissão regional das Nações Unidas, criada em 1948 com o objetivo de incentivar a cooperação econômica entre os seus membros). Como fenômeno histórico, o desenvolvimentismo é associado no Brasil aos governos a partir da década de 1950, com destaque para os presidentes Getúlio Vargas e Juscelino Kubitschek.

O desenvolvimentismo atravessou três grandes fases históricas: a primeira, vinculada à substituição dos bens de consumo leves; a segunda, associada à internalização da produção dos bens de consumo duráveis; e a terceira, relacionada à nacionalização da produção de bens de capital.

Agora iremos abranger mais sobre tais fases desenvolvimentistas.

Indústria leve

Na sua primeira etapa, de produção industrial leve, o desenvolvimentismo assumiu a forma de nacional desenvolvimentismo ou o desenvolvimentismo ocorrido dentro do próprio Estado, partindo dos movimentos revolucionários das décadas de 1930 e 1940, como o cardenismo (de Lázaro Cárdenas⁵) no México, o varguismo⁶ (de Getúlio Vargas⁷) no Brasil e o peronismo⁸ (de Juan Domingo Perón⁹) na Argentina, para redefinir a atuação estatal.

O Estado passou a atuar como promotor da industrialização, desempenhando o papel de produtor nos setores de infraestrutura (siderurgia, energia, petróleo, comunicações etc), de coordenador de políticas macroeconômicas e de organizador de uma nova política externa. Para que o Estado

3 Doutrina econômica centrada no pensamento de John Maynard Keynes.

4 II Guerra Mundial (1939-1945).

5 Lázaro Cárdenas del Río (1895-1970) - foi um militar, político e estadista mexicano que ascendeu à Presidência do México entre os anos de 1934 e 1940. É considerado como um dos presidentes mais populares da história do seu país.

6 Varguismo ou Getulismo – Ideologia do governo de Getúlio Vargas (1882-1954).

7 Getúlio Vargas - foi um advogado e político brasileiro, líder civil da Revolução de 1930, além de ser presidente do Brasil entre 1930 à 1945 e 1951 à 1954.

8 Peronismo - é a denominação dada genericamente ao Movimento Nacional Justicialista, criado e liderado a partir do pensamento de Juan Domingo Perón, militar e estadista argentino, presidente daquele país, eleito em 1946, 1951 e 1973.

9 Juan Domingo Perón - foi um militar e político argentino, e presidente da Argentina por três mandatos.

assumisse um papel de indutor do desenvolvimento, garantindo a infraestrutura da industrialização, alguns setores foram estatizados, como a exploração de minas e energia e o monopólio de setores estratégicos. São exemplos desse período a nacionalização de companhias de petróleo norte-americanas realizadas por Lázaro Cárdenas e a criação da Petrobras no Brasil.

A política externa dos países latino-americanos passou a pressionar pela concessão de empréstimos e pela transferência de tecnologias. A moratória e a significativa desvalorização da dívida externa atuaram como elementos indispensáveis para promover os investimentos necessários à instalação da indústria de base. A proteção ao mercado interno, a transferência, via tributação, dos recursos obtidos pelos exportadores ao empresariado industrial e o manejo de taxas múltiplas de câmbio e crédito possibilitaram a importação da indústria de bens de consumo leves (têxteis, alimentícios etc). Esse processo foi acompanhado pela profissionalização da administração pública – por meio da consolidação de uma tecno burocracia gerencial – e das carreiras do funcionalismo público, cuja maior expressão foi o Departamento Administrativo do Servidor Público (DASP), em 1938, no Brasil.

O período nacional desenvolvimentista, a rigor, iniciou-se antes da CEPAL, na década de 1930. Entrou em crise em meados dos anos 1950, em decorrência da escassez de divisas e do restabelecimento do fluxo de recursos para a região. A escassez de divisas afetou a capacidade de importação das tecnologias necessárias à implantação da indústria de bens de consumo duráveis (automobilística e de eletrodoméstico, por exemplo). A causa disso foi a manutenção da pauta exportadora intensiva em recursos naturais, o que manteve largamente intocada a estrutura fundiária. A exceção foi o México, onde o petróleo se constituiu em fonte estratégica de divisas.

A chegada de indústrias de bens duráveis

A restauração dos fluxos internacionais de capitais, após a reconstrução da Europa, passou a combinar a entrada de capitais estrangeiros, via investimento direto, com a estrutura protecionista da substituição de importações. A maior expressão desse processo foi o governo de Juscelino Kubitschek, no Brasil. Este, pela instrução 113 da Superintendência da Moeda e do Crédito (SUMOC), passou a estimular a importação de tecnologias sem cobertura cambial. O investimento estrangeiro passou a orientar-se, então, para a indústria, em especial para a indústria automobilística, exigindo a ampliação dos serviços de infraestrutura urbana oferecidos pelo Estado.

O capital estrangeiro carregado para a região, entretanto, não era poupança externa, como parte da literatura e do pensamento latino-americano acreditava, nem se incorporava em definitivo aos países hospedeiros. Aos períodos de entrada de recursos seguiam-se fases de saídas, com uma drenagem de recursos superior às entradas, para remunerar os proprietários não residentes. A crise do balanço de pagamentos se reinstalou em nível superior, provocando o esgotamento do crescimento.

Esse processo ocorreu dramaticamente nos anos 1960 e 1970, promovendo a destruição da base social do desenvolvimentismo e dando lugar a ditaduras militares contrarrevolucionárias e fascizantes – com exceção do governo do general Velasco Alvarado, no Peru, que se apresentou com um enfoque anti-imperialista. Os regimes militares retomaram o endividamento externo e aprofundaram a superexploração do trabalho como forma de obter excedentes financeiros.

A nacionalização dos bens de produção

A fase depressiva do longo ciclo de “Kondratiev¹⁰”, instalada nos países centrais entre 1967 e 1973, e a reciclagem dos petrodólares pelos grandes bancos internacionais, deslocaram para os países da periferia grandes massas de capital. Estas financiaram as tentativas de Brasil e México de

10 A teoria é dividida em 4 momentos: prosperidade (Verão), recessão (Outono), depressão (Inverno) e recuperação (Primavera). Já os ciclos estudados pelo russo são: Ciclo 1 1789-1848 (máquina a vapor); crise de 1848. Ciclo 2 1840-1896 (ferro, aço, eletricidade, petróleo); Grande Crise do capitalismo de 1873 à 1896. Ciclo 3 - 1896-1940 (motor a jato, plástico, energia nuclear) crise de 1929. Ciclo 4 - 1940 - ? (Indústria bélica, eletrônica, globalização, telecomunicações).

aprofundar o caminho desenvolvimentista rumo à terceira fase da industrialização substitutiva. Esse projeto encontrou sua máxima expressão no Brasil, durante o governo do general Ernesto Geisel (1974-1978), com o lançamento do II Plano Nacional de Desenvolvimento (PND) e com as políticas de reserva de mercado em informática – reforçadas nos governos de João Figueiredo (1979-1984) e José Sarney (1985-1989) – que trataram de internalizar a produção de bens de capital, química avançada, energia nuclear, telecomunicações e microeletrônica.

Todavia, ao se apoiar no endividamento externo e na superexploração do trabalho, dispensando uma base financeira própria e os recursos humanos necessários para impulsionar o ingresso na produção de bens de produção, o projeto fracassou, deixando de cumprir seus objetivos.

A volta das “vantagens comparativas”

O crescimento econômico da década de 1970 alicerçou-se em significativos déficits comerciais em conta corrente e em expressivo endividamento externo, que cresceu geometricamente com o esgotamento do período de entradas de capital em 1981. A partir de então, o desenvolvimento nacional ou regional, como prioridade estratégica da grande burguesia, foi sepultado na América Latina, passando a ser prioridade de outros grupos. A burguesia abraçou o neoliberalismo, ajustando-se às possibilidades oferecidas pelo mercado mundial como fundamento de sua atuação, restabelecendo a subordinação à teoria das vantagens comparativas.

Um balanço do desenvolvimentismo permite ressaltar que a urbanização e a mudança da estrutura produtiva da região não foram acompanhadas de reformas sociais profundas. Essas permaneceram limitadas em virtude da dependência tecnológica e da superexploração do trabalho. Seu ensaio foi abortado pela internacionalização financeira e produtiva, gerando desequilíbrios macroeconômicos profundos, que terminaram por levar o desenvolvimentismo ao esgotamento.

Já estudado acerca da teoria desenvolvimentista, iremos agora, desdobrar-se frente a teoria neodesenvolvimentista.

Neodesenvolvimentismo¹¹

O chamado neodesenvolvimentismo é um fenômeno recente e localizado, indissociável das particularidades da economia e da política brasileiras na segunda metade dos anos 2000. Sua repercussão não ultrapassa as fronteiras da “província” e, mesmo no seu interior, circunscreve-se a pequenos círculos acadêmicos. Mais do que uma nova tendência do pensamento econômico com fôlego para se expandir a outras praças e resistir à prova do tempo, a onda neodesenvolvimentista está diretamente relacionada às intrigas e conspirações palacianas entre as duas facções que disputam o controle da política econômica brasileira: a monetarista — braço direito do neoliberalismo — e a autoproclamada “desenvolvimentista” — braço esquerdo da ordem. Fenômeno análogo já tinha se esboçado no primeiro governo de Fernando Henrique Cardoso, contrapondo as diretrizes do Banco Central, liderado por Gustavo Franco, às políticas do BNDES, então sob a influência dos irmãos Mendonça de Barros.

11 Estudado, a partir do livro “Sociologia em Movimento” da Ed. Moderna
Cap. 11: “Sociologia do Desenvolvimento”

Na época, a escaramuça já surgiu natimorta porque o choque entre teoria e prática era gritante. A crise de estrangulamento cambial e a subsequente tutela da política econômica pelo FMI jogavam por terra qualquer possibilidade de camuflar a absoluta impotência do Estado brasileiro diante dos ditames do capital financeiro. A situação que se cristaliza a partir do segundo governo Lula é diferente. A modesta retomada do crescimento econômico, após quase três décadas de estagnação, a lenta recuperação do poder aquisitivo do salário após décadas de arrocho, a ligeira melhoria na distribuição pessoal da renda, o boom de consumo financiado pelo endividamento das famílias e a aparente resiliência do Brasil perante a crise econômica mundial dão um lastro mínimo de realidade à fantasiosa falácia de que, finalmente, o Brasil estaria vivendo um ciclo de desenvolvimento.

O chamado neodesenvolvimentismo seria, assim, uma expressão teórica desse novo tempo. Para alguns de seus adeptos mais ingênuos que acreditam fervorosamente no poder criador das fórmulas abstratas, as novas ideias seriam, na verdade, a própria causa determinante da guinada qualitativa na trajetória da economia brasileira. Acima de suas diferenças e idiosincrasias de ordem teórica e prática, os economistas que reivindicam o novo desenvolvimentismo compartilham um denominador comum: procuram uma terceira via que evite o que consideram o grave problema do neoliberalismo — a cumplicidade com o rentismo — e o que atribuem como as inaceitáveis perversidades do velho desenvolvimentismo — o nacionalismo anacrônico, a complacência com a inflação e o populismo fiscal.

O desafio do neodesenvolvimentismo consiste, portanto, em conciliar os aspectos “positivos” do neoliberalismo — compromisso incondicional com a estabilidade da moeda, austeridade fiscal, busca de competitividade internacional, ausência de qualquer tipo de discriminação contra o capital internacional — com os aspectos “positivos” do velho desenvolvimentismo — comprometimento com o crescimento econômico, industrialização, papel regulador do Estado, sensibilidade social.⁸ As vagas formulações dos economistas que disputam a hegemonia do novo desenvolvimentismo partem do suposto de que o crescimento constitui a chave para o enfrentamento das desigualdades sociais. Nessa perspectiva, desenvolvimento e crescimento confundem-se como fenômenos indiferenciados. As controvérsias dizem respeito às formas de superar os aspectos “negativos” e ao modo de combinar os aspectos “positivos”. O debate gira em torno dos instrumentos que devem ser mobilizados pela política econômica para superar os entraves ao crescimento e conciliar as exigências do equilíbrio macroeconômico com os objetivos da política industrial e as necessidades orçamentárias da política social. Não se coloca em questão a dupla articulação — dependência externa e segregação social — responsável pela continuidade do capitalismo selvagem.

O impacto devastador da ordem global sobre o processo de formação da economia brasileira não é considerado. Tampouco são examinados a fundo os efeitos de longo prazo da crise econômica mundial sobre a posição do Brasil na divisão internacional do trabalho. A discussão não ultrapassa o horizonte da conjuntura imediata. A obsessão em depurar o lado “negativo” e condensar os aspectos “positivos” dos dois polos que condicionam o novo desenvolvimentismo assume a forma de um hibridismo acrítico que se afirma menos pela originalidade de sua interpretação e mais pela contraposição de suas proposições alternativas aos dogmas da ortodoxia. Assim, toda a reflexão neodesenvolvimentista enquadra-se perfeitamente na pauta neoliberal. Na prática, a terceira via torna-se uma espécie de versão ultra light da estratégia de ajuste da economia brasileira aos imperativos do capital financeiro.

O diferencial do neodesenvolvimentismo se resume ao esforço de atenuar os efeitos mais deletérios da ordem global sobre o crescimento, o parque industrial nacional e a desigualdade social. Não se questiona a possibilidade de a igualdade social e a soberania nacional serem simplesmente antagônicas

com a estabilidade da moeda, a austeridade fiscal, a disciplina monetária, a busca incessante da competitividade internacional, a liberalização da economia. Procura-se o segredo da quadratura do círculo que permita conciliar crescimento e equidade. Ao identificar as suas utopias com a realidade concreta da economia brasileira, o neodesenvolvimentismo revela o seu lado simplório e provinciano, apresentando-se como é: uma grosseira apologia da ordem. O método de ocultação sistemática do negativo e de exaltação acrítica do crescimento e da modernização dos padrões de consumo como fins em si transforma o vício em virtude.

A relação indissolúvel entre desenvolvimento e barbárie característica de nosso tempo, que se manifesta com virulência redobrada nas economias periféricas, converte-se, assim, por um passe de mágica no seu contrário: o desenvolvimento capitalista virtuoso capaz de conciliar crescimento com equidade. A supervalorização dos fatos considerados positivos e a pura e simples desconsideração dos aspectos negativos da realidade alimentam a mitologia de que a economia brasileira estaria passando por um ciclo endógeno de crescimento com distribuição de renda e aumento da soberania nacional.

Atendo-se aos horizontes restritos da macroeconomia, cujos parâmetros baseiam-se na suposição de que os fundamentos da realidade não sofrem alterações qualitativas, a perspectiva neodesenvolvimentistas fica impedida, como consequência de suas próprias escolhas epistemológicas, de examinar os fenômenos do desenvolvimento, cuja essência consiste em compreender a capacidade de a sociedade nacional controlar o processo de mudança social impulsionado pela acumulação de capital.

Ao ignorar as contradições estruturais que regem o movimento da economia brasileira, o neodesenvolvimentismo incorre num vulgar reducionismo economicista e simplesmente renuncia à problemática do desenvolvimento. Seus modelos explicativos partem de parâmetros dados, sem questionar os efeitos determinantes desses parâmetros sobre o desempenho econômico, quando, a rigor, para ser fiel à tradição crítica, o correto seria fazer o caminho inverso: mostrar a relação entre os parâmetros que determinam o funcionamento da economia brasileira — a dupla articulação — e a incapacidade de a sociedade brasileira controlar o desenvolvimento capitalista que determina a sua submissão ao círculo de ferro da dependência e subdesenvolvimento.

Na nova perspectiva, portanto, o desenvolvimento é apenas um simulacro — crescimento e modernização são alçados à condição de desenvolvimento.¹⁰ Aparência crítica é apenas um disfarce para a apologia do status quo¹².

O que é o Neodesenvolvimentismo?

O neodesenvolvimentismo é uma frente política composta de partidos de diferentes orientações que sustenta uma prática de desenvolvimento econômico e de transferência de renda, mas sem quebrar os limites impostos pelo modelo neoliberal ainda vigente no país. Essa política está baseada em:

- políticas de recuperação do salário mínimo;
- aumento do volume de financiamento do Banco Nacional do Desenvolvimento Econômico e Social

¹² é uma expressão do latim que significa “estado atual”.

(BNDES) a juros reduzidos ou subsidiados para as grandes empresas nacionais;

- política externa de apoio às grandes empresas exportadoras, nacionais ou instaladas no Brasil;
- incentivos para manter o consumo em momentos de crise (política anticíclica);
- aumento do investimento estatal em infraestrutura.

Não obstante, esse sistema é sustentado pela classe social burguesa interna, que também é a mais beneficiada por este. Esse grupo, que conforma a frente econômica e política neodesenvolvimentista, enfrenta algo que se pode chamar de campo neoliberal ortodoxo, que representa o grande capital financeiro internacional, a fração burguesa brasileira que está subordinada a esse capital, são os grandes proprietários de terras e a alta classe média do setor privado público.

Concluindo assim, que o neodesenvolvimentismo nada mais é do que a nova busca de países emergentes do Subdesenvolvimento para o Desenvolvimento pleno ou parcial.

Referências Bibliográficas

- “Sociologia em Movimento” Ed. Moderna.

<https://www.google.com.br/urlsa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=2&cad=rja&uact=8&ved=0ahUKEwiW26Pr8ubWAhXECpAKHT2NA-UQFgg3MAE&url=https%3A%2F%2Fpt.wikipedia.org%2Fwiki%2FDesenvolvimentismo&usg=AOvVaw2vtFMgAmP9eOBG0WqUxnQj>

https://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=4&cad=rja&uact=8&ved=0ahUKEwiW26Pr8ubWAhXECpAKHT2NA-UQFghIMAM&url=http%3A%2F%2Fwww.centrocelsofurtado.org.br%2Finterna.php%3FID_S%3D72&usg=AOvVaw3c0gXWlCdoPb3nZfKI-h7G

<https://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=3&cad=rja&uact=8&ved=0ahUKEwiW26Pr8ubWAhXECpAKHT2NA-UQFghCMAI&url=http%3A%2F%2Fwww.infoescola.com%2Feconomia%2Fdesenvolvimentismo%2F&usg=AOvVaw1aWBFgOb58D8HS0nkUOuQ5>

<https://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=4&cad=rja&uact=8&ved=0ahUKEwjJlM-R8-bWAhXFTZAKHcwUBBcQFgg3MAM&url=https%3A%2F%2Fwww.brasildefato.com.br%2Fnode%2F9355%2F&usg=AOvVaw1N5-fqj9qxIRM6cOtlSQc>

